

Storytelling: entre usos, benefícios e aprendizagens¹

Sandro Faccin Bortolazzo²

RESUMO

Contar histórias é uma prática ancestral que, ao ser remodelada na contemporaneidade, adquire outras nuances e utilizações, especialmente no âmbito dos processos pedagógicos. O presente estudo, de caráter exploratório e bibliográfico, propõe-se a analisar o storytelling como recurso didático. Para alcançar tal objetivo, três abordagens são delineadas: a realização de uma revisão de literatura sobre o storytelling; uma análise do storytelling enquanto prática pedagógica; e a identificação dos benefícios do storytelling nos processos de aprendizagem. Os resultados evidenciam que a prática do storytelling como ferramenta pedagógica não apenas engaja os estudantes, mas promove empatia e torna os conteúdos mais acessíveis, memoráveis e significativos.

PALAVRAS-CHAVE: Storytelling. Aprendizagens. Prática Pedagógica.

Storytelling: between uses, benefits, and learning

ABSTRACT

Storytelling is an ancient practice that, when reshaped in contemporary times, takes on new nuances and applications, particularly within the realm of pedagogical processes. This exploratory and bibliographic study aims to analyze storytelling as a didactic resource. To achieve this objective, three approaches are outlined: a literature review on

¹ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). CNPq/MCTI Nº 10/2023 - Faixa A - Grupos Emergentes. Projeto de Pesquisa: Do neoliberalismo às plataformas e redes digitais: processos educativos, aprendizagens e docência nas tramas da cultura digital.

² Doutor em Educação. Professor da Universidade Federal de Pelotas (PPGE/UFPel), Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9145-1581>. E-mail: sandrobortolazzo@gmail.com.

storytelling, an analysis of storytelling as a pedagogical practice, and the identification of the benefits of storytelling in learning processes. The results highlight that the use of storytelling as a pedagogical tool not only engages students but also fosters empathy and makes content more accessible, memorable, and meaningful.

KEYWORDS: Storytelling. Learning. Pedagogical Practice

Storytelling: entre usos, benefícios y aprendizaje

RESUMEN

Contar historias es una práctica ancestral que, al ser remodelada en la contemporaneidad, adquiere nuevas sutilezas y aplicaciones, especialmente en el ámbito de los procesos pedagógicos. Este estudio exploratorio y bibliográfico tiene como objetivo analizar el storytelling como recurso didáctico. Para lograr este objetivo, se delinean tres enfoques: una revisión de la literatura sobre storytelling; un análisis del storytelling como práctica pedagógica; y la identificación de los beneficios del storytelling en los procesos de aprendizaje. Los resultados destacan que la práctica del storytelling como herramienta pedagógica no solo involucra a los estudiantes, sino que también fomenta la empatía y hace que el contenido sea más accesible, memorable y significativo.

PALABRAS CLAVE: Storytelling. Aprendizaje. Práctica pedagógica.

* * *

Introdução

O ato de contar histórias é uma atividade milenar que permeia o cotidiano e contribui para a disseminação de informações, conhecimentos, valores, atitudes, aprendizagens. Trata-se de uma prática que acompanha a humanidade. De forma remodelada, na contemporaneidade, têm-se o storytelling, visto como um conjunto de técnicas que se utilizam de narrativas como recurso pedagógico para transmitir saberes, informações e reter atenção.

Etimologicamente, a palavra storytelling tem origem na língua inglesa, sendo formada pela junção de duas palavras: story (que significa "história") e telling (que significa "contando" ou "contar"). Portanto, o storytelling é um tipo de comunicação que envolve a narração de histórias (fatos, acontecimentos, fenômenos etc.) com intencionalidades, sejam elas pedagógicas ou informacionais.

Nos últimos anos, o storytelling tem sido objeto de investigação mais aprofundada, sendo concebido como um método de ensino ou uma forma de construir "pontes" nas relações entre professores e estudantes. Assim, a aplicação do storytelling é considerada um recurso e prática pedagógica, principalmente com a finalidade de representar ou exemplificar conteúdos e teorias por meio de narrativas, sejam elas reais ou fictícias.

A premissa deste estudo é de que, seja na educação básica, seja no ensino superior, é possível que a prática do storytelling permita uma melhor conexão dos estudantes com determinados saberes, tornando-os, por assim dizer, mais compreensíveis. Tal recurso se potencializa quando os estudantes conseguem alocar-se nas narrativas a partir de sua realidade e de suas experiências prévias.

Esta pesquisa é de natureza exploratória e bibliográfica, na qual analisa a prática do storytelling como recurso didático. Para isso, três abordagens teórico-metodológicas se interligam. A primeira se dedica ao desenvolvimento de uma revisão de literatura sobre o storytelling. A segunda abordagem procura analisar, por meio de estudos na área, como se dá a aplicação do storytelling como prática pedagógica. A terceira e última abordagem tem como foco apresentar os benefícios do storytelling nos processos de aprendizagem

Storytelling e narrativas: o primeiro movimento da pesquisa

Narrativa e storytelling são termos relacionados, contudo, há distinções em seus significados. De maneira geral, cada indivíduo possui uma

compreensão do conceito de narrativa. Diariamente, somos expostos a diversas histórias, cujas manifestações e formas estão dispersas em obras literárias, filmes, séries, programas de televisão, jornais, revistas e, mais recentemente, nas plataformas e redes sociais, tais como Facebook, Instagram, Twitter e YouTube.

Os meios de comunicação produzem e disseminam narrativas sobre pessoas, situações e conflitos. No entanto, à medida que essas histórias são veiculadas, seja nas páginas de livros, nos noticiários televisivos ou na internet, elas configuram, por si só, representações de uma realidade possível.

Nos dicionários, a palavra 'narrativa' é definida como a ação, efeito ou processo de narrar, de relatar uma situação (real ou imaginária) por meio de palavras. Tradicionalmente associada à literatura, uma narrativa, segundo Fiske et al. (2006), é composta por diversos elementos, incluindo: o evento em si (o quê); o tempo em que ocorre (quando); o local (onde); os personagens (com quem); a causa motivadora do evento (por quê); o modo como ocorre (como); e as consequências. De acordo com os autores, uma narrativa pode ser subdividida em duas dimensões correlacionadas: o enredo, representado pelo acontecimento principal, como o encontro de A com B, que constitui a substância de uma história; e a narração, que se refere à forma pela qual essa substância é apresentada. O enredo representa o núcleo da história, ou seja, a sequência dos fatos estruturados temporalmente, com denotações de começo, meio e fim. Já a narração diz respeito à forma como essa história é comunicada.

As narrativas podem assumir diversas formas, englobando tanto o discurso oral quanto o escrito, além de expressões não verbais, como a dança e a fotografia. A variedade é tão ampla que, às vezes, as categorizações podem não ser precisas. A ficção policial e os poemas épicos, por exemplo, embora relatem eventos organizados no tempo, apresentam estruturas distintas.

O campo de estudos sobre narrativas é extenso e interdisciplinar. Embora este texto não busque uma exploração conceitual e literária sobre o conceito de narrativa, é relevante ressaltar algumas distinções entre narrativa e storytelling.

Enquanto a narrativa se refere à estrutura geral de uma história ou ao relato de eventos, sendo assim a maneira como uma história é contada, organizada e apresentada, o storytelling, por outro lado, está relacionado ao processo ou às formas pelos quais essas histórias são contadas. Neste caso, o storytelling envolve a habilidade de comunicar, de relatar ou mesmo de criar conexão com o público a partir de um tipo de narrativa. Como Frances O'Connell Rust, professor da Universidade da Pennsylvania (1999, p. 370) observa, histórias e narrativas representam "oportunidades para descoberta, aprendizado e construção de sentido."

O storytelling tem sido comumente vinculado ao âmbito do marketing, da publicidade e da comunicação persuasiva. Neste estudo, emprega-se o storytelling como ferramenta pedagógica, visando facilitar a compreensão e tornar significativas determinadas aprendizagens para os estudantes. A premissa é a de que, ao adotar o storytelling, os professores possam proporcionar uma imersão dos estudantes nas narrativas, permitindo-lhes compreender ideias e conceitos a partir de diversas perspectivas. Essa abordagem visa criar uma conexão entre o conteúdo educacional e a experiência vivencial dos estudantes, ampliando assim o alcance e impacto do processo de ensino.

Seguindo a revisão bibliográfica, Adilson Xavier (2015), na obra "Storytelling: histórias que deixam marcas" diz não se surpreender que a remodelação desta prática ancestral, a de contar histórias, esteja despertando interesse em diversas profissões, inclusive na docência. O autor utiliza o termo "tecnarte", misturando técnica e arte, com o intuito de obter uma boa história, elucidando, dessa maneira, o que seria o storytelling. Seguindo três definições, Xavier (2015, p.11-12) argumenta:

Definição pragmática:

Storytelling é a tecnarate de elaborar e encadear cenas, dando-lhes um sentido envolvente que capte a atenção das pessoas e enseje a assimilação de uma ideia central.

Definição pictórica:

Storytelling é a tecnarate de moldar e juntar as peças de um quebra-cabeça, formando um quadro memorável.

Definição poética:

Storytelling é a tecnarate de empilhar tijolos narrativos, construindo monumentos imaginários repletos de significado.

Numa primeira acepção, o storytelling representa um conjunto de cenas que se complementam, cativando a quem ouve a narrativa, e com vistas a melhor compreensão de uma ideia central, no caso, a ideia geradora da narrativa. Uma segunda definição viria do storytelling enquanto ferramenta, ou seja, como um quebra-cabeça bem moldado que quando unidas as peças forma um tipo de representação. E a terceira e última definição estaria ligando o storytelling à construção detalhada de narrativas imaginárias com significados, envolvendo igualmente uma definição mais poética.

Jonathan Gottschall (2012), professor de literatura americana, argumenta que o ato de contar histórias possui raízes nas funções biológicas humanas. Ele baseia essa afirmação em insights provenientes da psicologia social, neurociência e biologia, buscando respaldo para o impulso dos seres humanos de narrar o que acontece ao seu redor. Ele afirma: “somos, como espécie, viciados em narrativas. Mesmo quando o corpo vai dormir, a mente continua alerta durante todo o sono, contando estórias a ela mesma” (idem, 2012, p.14). Em resumo, o autor destaca que as narrativas permeiam a vida cotidiana, moldando crenças, comportamentos e aspectos éticos que implicam, de alguma forma, na construção e modificação da cultura e da história.

Considerando o storytelling como uma marca da ancestralidade e evolução, Gottschall (2012, p.118) reforça sua relevância ao afirmar que "se você quiser dominar a mente de alguém, tente contar-lhe uma história". Além disso, sugere que contar histórias pode ser encarado como uma "brincadeira cognitiva" (*idem*, p. 27), um meio informativo ou até mesmo "uma forma de cimento social que une as pessoas em torno de valores comuns" (*idem*, p. 67). Segundo Gottschall (2012), o anseio pela narrativa tem efeitos positivos, uma vez que "as narrativas nos proporcionam prazer e instrução. Elas simulam mundos para que possamos viver melhor no mundo real. Elas nos auxiliam na formação de laços comunitários e na definição de nossa cultura" (*idem*, p. 197).

O emprego de narrativas, como enfatizado por Rodrigo Cogo (2016, p. 113), especialista em storytelling, integra as unidades fundamentais da comunicação e socialização humanas, pois "as pessoas têm a necessidade de possuir símbolos que as auxiliem a compreender e interpretar o mundo". Em outras palavras, as histórias conferem e atribuem significado à existência, possibilitando a expressão e representação de pensamentos por meio de diversos meios, como sons, palavras, imagens e expressões.

Palacios e Terenzio (2016, p. 113), especialistas em narrativas, corroboram essa perspectiva ao afirmarem que ao narrar histórias, "revelamos um pouco do que somos". Além disso, ao ouvir histórias, é possível compreender quem somos, guiados pelas interpretações conferidas às narrativas. Assim, as histórias não apenas proporcionam entretenimento, como salientado por Robert Mckee (2006, p. 25), professor de escrita criativa, e não representam uma simples fuga da realidade, mas operam como um veículo que nos conduz em nossa busca pela verdade. Portanto, ao ler um livro, assistir a um filme no cinema ou ouvir uma história de um colega ou professor, conforme observa Mckee (2006), o anseio não é escapar da vida, mas sim encontrar-se nela.

Histórias nos afetam e nos transformam, nos fazem pensar, rir ou chorar. Tocam nossas emoções, pois, quando bem construídas, provocam um envolvimento emocional tão profundo que são capazes de atingir o nível sensorial. Isso se deve ao poder especial de que alguns contadores de histórias são dotados: o poder dos sentidos, capaz de levar sensações corpóreas para dentro do leitor (McKee, 2006, p. 37)

Dessa forma, o storytelling transcende a tradução literal de contar histórias, concentrando-se em narrativas bem elaboradas, estruturadas com elementos que possam gerar engajamento e aprendizado. Conforme a abordagem de James McSill (2013), especialista em storytelling, destaca-se a necessidade de uma narrativa intencional, utilizando técnicas capazes de estabelecer conexões com o público. Portanto, seja no contexto corporativo seja no cenário educacional, objeto de estudo desta pesquisa, o que o storytelling faz é propor uma redefinição de significados, remodelando informações, experiências e, conseqüentemente, os processos de aprendizagem.

Storytelling como prática pedagógica: segundo movimento da pesquisa

Como uma experiência didática de storytelling, permitam-me compartilhar uma breve narrativa ficcional ao explicar os conceitos de Id, Ego e Superego, provenientes da teoria psicanalítica de Sigmund Freud.

Dou início à aula pedindo que os estudantes se transportem mentalmente para a primeira fila de um espetáculo (show) muito aguardado por eles. Neste momento, após terem aguardado horas na fila e estando felizes por chegarem na dianteira do palco, surge um inconveniente significativo: uma vontade incontrolável de urinar.

O Id, conectado ao polo instintivo e ao inconsciente sussurraria a sugestão imediata: "Urina de uma vez, alivia essa tensão". Isso porque o Id opera sob o princípio do prazer e busca afastar ou aliviar a dor ou tensão. Entretanto, não apenas o Id está em ação nessa situação. Outras instâncias psíquicas, como o Ego e o Superego, também desempenham papéis nesse dilema. O Ego, sendo uma instância psíquica mais próxima da consciência e guiada pelo princípio da realidade, ponderaria: "Acho que dá para aguentar mais um pouco. Posso tentar encontrar alternativas de banheiros. Talvez possa ir rapidamente ao banheiro e retornar sem causar constrangimento".

Outra instância psíquica, o Superego, ultrapassa o princípio da realidade e é regida pela moralidade. Haveria, assim, uma intervenção com uma perspectiva ética, destacando que, conforme as normas sociais, urinar diante dos outros pode ser considerado um atentado ao pudor. Nessa situação, o Superego enfatizaria a importância de seguir as regras sociais, como dirigir-se ao banheiro, lavar as mãos, entre outras práticas aceitas pela sociedade.

Assim, foi possível desenvolver narrativas em torno de um espetáculo, transmitindo conceitos e proporcionando uma abordagem ficcional, informativa e figurativa à teoria psicanalítica. A criação de histórias que representem conceitos da psicologia emerge como uma estratégia para envolver os estudantes. Cada narrativa apresenta uma situação-problema com a qual muitos estudantes podem se identificar. Há uma tentativa de associar narrativas a cada tópico abordado na sala de aula e, à medida que a disciplina avança, essas histórias surgem como exemplos para discussão em sala de aula. De certo modo, esse tipo de história fornece um componente emocional, envolvendo os estudantes e oferecendo uma estrutura alinhada à propensão humana natural para a narrativa (Gottschall, 2012).

O emprego do storytelling em sala de aula não é uma novidade. Estudos de caso, por exemplo, são amplamente utilizados em áreas como o direito, a medicina e a enfermagem, assim como em empresas que adotam o storytelling para treinamento e recrutamento de funcionários. As narrativas

têm uma aplicação diversificada em várias disciplinas, e, ao considerar uma perspectiva mais abrangente, apresentam o potencial de enriquecer os processos de aprendizagem, desde o ensino fundamental até o ensino superior.

Como prática pedagógica, conforme destacado por Daniele Oliveira (2020, p. 26), autora que desenvolveu um guia para o uso do storytelling em ambientes educacionais, conferir significado à aprendizagem representa uma vantagem, uma vez que a narrativa tem a capacidade de contextualizar a temática e conferir sentido ao conteúdo, tornando-o mais real, inteligível e perceptível. Para atingir esse objetivo, Oliveira (2020) propõe cinco elementos que os professores podem considerar na criação de boas histórias: personagem, conflito, ensinamento, significado e empatia. Esses elementos não devem ser encarados como uma fórmula, mas como uma abordagem para construir narrativas. Além disso, outros ingredientes, como os processos de escuta e observação da realidade dos estudantes, são fundamentais para enriquecer as histórias.

De fato, não existem histórias sem personagens. Para Oliveira (2020), a construção do personagem é fundamental para alcançar os objetivos da aprendizagem, pois é por meio dele que o estudante pode se identificar. "O personagem do storytelling tem o propósito de motivar a audiência a agir. Quando aplicado à educação, isso implica orientar o estudante a aprender com significado" (*idem*, 2020, p. 32).

Um segundo elemento é o conflito. Na visão da autora, o conflito é o obstáculo que impede o personagem de atingir seus objetivos de maneira fácil. Ele é o motor que impulsiona a narrativa, sendo um componente essencial para gerar engajamento. Além disso, Oliveira (2020) afirma que "a presença de um conflito reforça a empatia e mantém a curiosidade do público" (*idem*, p. 33).

O terceiro elemento é o ensinamento. As histórias funcionam como ferramentas para aprender, ensinar e motivar. Ao colocar o personagem diante de situações conflituosas, as histórias "ensinam lições capazes de nos

preparar para momentos da vida pessoal e profissional" (Oliveira, 2020, p. 36). O ensinamento refere-se ao aprendizado próprio, ao conhecimento extraído da história, ou seja, à lição aprendida pelo protagonista. Esse ensinamento não apenas transforma, mas também é capaz de inspirar os estudantes a mudar sua forma de pensar e agir, vivenciando ativamente o enredo.

O quarto elemento, segundo Oliveira (2020, p. 37), são os significados. "Uma das funções das histórias é ordenar os fatos para que eles possam imprimir significado à nossa existência, às pessoas e às coisas que nos cercam". Os significados presentes em uma história nos conduzem a reflexões sobre a vida humana. Quanto ao último elemento, a empatia desempenha um papel importante. Para que uma história seja bem-sucedida, é necessário envolver o público. Essa conexão ocorre por meio da empatia, que pode ser definida como a "possibilidade de vivenciar a história no lugar do protagonista, compreendendo seus desejos e suas atitudes" (*idem*, p. 38). A empatia é o que sustenta a conexão emocional do público com a história.

É inegável que muitas queixas dos professores se relacionam à dificuldade de atrair a atenção dos estudantes, principalmente em uma sociedade permeada por uma miríade de estímulos e plataformas. WhatsApp, Google, Instagram, Facebook, Spotify, Netflix, para citar apenas algumas ferramentas, sem mencionar jogos online e de videogame, absorvem horas da atenção dos estudantes. Existe uma disparidade significativa em termos de retenção da atenção quando comparamos a capacidade dos estudantes de manterem o foco com mais qualidade em atividades fora da escola em relação ao ambiente educacional.

A publicidade, de maneira geral, parece ser mais sofisticada e eficaz na retenção de atenção. Como observa Palacios (2012), as histórias são construídas de forma mais cativante no cinema e nas redes sociais do que nas salas de aula. Mesmo considerando as características distintas de cada meio, que incluem o uso de imagens, sons, interação etc., é fundamental

compreender que, acima de tudo, esses produtos midiáticos são bem-sucedidos porque contam boas histórias. Podemos ilustrar esse ponto com um exemplo no campo educacional, conforme relatado por Palacios e Terenzo (2016, p. 182).

Seria de se esperar que um professor entrasse na sala de aula e anunciasse, 'hoje vamos ver as causas que levaram à Revolução Francesa'. Já um professor storyteller começaria diferente. Ele falaria da grandiosidade do palácio de Versalhes e depois contrastaria com a pobreza de uma população faminta. Contaria as loucuras de um homem que se intitulou de 'Rei Sol' e que teve sua vida exposta por muitos escritores. Talvez ele até aproveitasse para fazer um flashback e falar do iluminismo que gerou esses escritores. Depois o professor storyteller contaria sobre pressão religiosa contra a qual os iluministas lutavam. Finalmente narraria as loucuras da rainha Maria Antonieta. Só então, para fechar a aula, ele diria 'e hoje vimos as causas que levaram à Revolução Francesa'.

Com a aplicação do storytelling, é possível aprimorar a retenção da atenção, uma vez que as histórias têm a capacidade de nos conectar a referências e experiências prévias. Nesse sentido, a mente humana tende a processar mais facilmente as informações recebidas, ampliando a capacidade de retenção ao longo do tempo. Estudos, como os de Palacios e Terenzo (2016), Xavier (2015), McSill (2004), entre outros, corroboram essa perspectiva.

As narrativas têm a capacidade de situar experiências no tempo e no espaço, capturando a atenção dos estudantes (audiência) e direcionando ações que as conectem a partir de um contexto específico. Além do simples ato de "contar histórias", o storytelling como ferramenta de ensino pressupõe que os ouvintes, neste caso, os estudantes, desempenhem um papel ativo na construção do conhecimento. É por meio das diversas percepções e

interpretações da narrativa apresentada pelo professor que os estudantes atribuem significado aos conteúdos. Essa prática pedagógica pode ser encarada como um meio pelo qual os docentes conseguem instigar a curiosidade dos estudantes. Mais do que isso, o storytelling, conforme os estudos de Marcelo Valença e Ana Paula Tostes (2019, p. 222), é percebido como a utilização de narrativas "com significado social ou cultural para promover a reflexão acerca de conceitos e valores".

A aprendizagem e o ensino efetivos acontecem quando o educando consegue atribuir significado e interagir criticamente com a informação. Isso implica estabelecer conexões entre o que está sendo aprendido e suas próprias experiências, indo além de uma mera reprodução de informações (Valença; Tostes, 2019).

As histórias estão por toda a parte, desde eventos triviais até experiências pessoais, narrativas midiáticas ou relatos de pessoas próximas, como colegas de trabalho e familiares. Na sala de aula, há diversas maneiras de incorporar o storytelling, que vão desde simples anedotas até histórias de filmes ou experiências pessoais. Os estudos de caso, por exemplo, oferecem narrativas relevantes, estabelecem empatia com os personagens e introduzem drama por meio de questões a serem resolvidas. Os elementos da história podem ser reais ou fictícios, sendo que os casos delineiam um problema ou questão com o qual os alunos interagem, desafiando-os a pensar criticamente até encontrar uma solução. Os estudos de caso representam um exemplo claro e intencional do uso do storytelling como ferramenta pedagógica.

As histórias representam formas de interpretar experiências e os professores podem aproveitar técnicas de storytelling para facilitar a aprendizagem. Ao enxergar histórias sob uma perspectiva ampla, é possível conectar intencionalmente narrativas e princípios do storytelling aos conceitos e conteúdos que desejam que os estudantes aprendam. Do ponto de vista pedagógico, por meio do storytelling, os docentes conseguem capturar a atenção dos alunos, criando uma atmosfera mais social e envolvente, ao

mesmo tempo que estimulam habilidades cognitivas, como a criatividade e a reflexão.

Storytelling e seus benefícios: terceiro movimento da pesquisa

Este terceiro e último movimento da investigação visa identificar e analisar alguns dos benefícios do storytelling nos processos de aprendizagem. Para tanto, foram selecionados três elementos para direcionar os resultados: a prática do storytelling como ferramenta pedagógica promove o engajamento e, por conseguinte, retém mais a atenção dos estudantes; o storytelling, quando aplicado na sala de aula, é capaz de criar um ambiente mais social e empático, facilitando a relação professor-aluno; e a prática do storytelling pode ser percebida como um catalisador para tornar os conteúdos mais acessíveis, significativos e memoráveis, ou seja, para que as narrativas permaneçam por mais tempo na memória.

Atenção

Certamente, a frase "vocês estão prestando atenção?" é uma das mais comuns entre os professores. Prestar atenção implica direcionar e manter o foco em um aspecto específico, ao mesmo tempo em que se elimina ou ignora outros que estão ao redor. Em síntese, prestar atenção significa concentrar a consciência, direcionando os processos mentais para uma única tarefa principal e colocando as demais em segundo plano.

Nos dicionários, "atenção" é definida como o processo de concentração da atividade mental em um objeto determinado. Estamos atentos em uma conversa em um ambiente barulhento; ao assistir um filme; ao dirigir um carro; ou ao conteúdo em sala de aula.

Esse tipo de ação, a de estar atento, só é possível devido à sensibilização seletiva de um conjunto de neurônios que executam a tarefa e acabam por inibir outras. Assim, a atenção é uma função cognitiva complexa

e, no contexto dos processos de aprendizagem, refere-se a uma condição para que o sujeito possa realizar tarefas, resolver problemas, reconhecer o mundo e adaptar-se a ele.

Myers (2012, p. 68), afirmam que a atenção é como um feixe de luz e que "por meio da atenção seletiva, sua atenção consciente focaliza, como um feixe de luz, apenas um aspecto muito limitado de tudo aquilo que você vivencia". À medida que somos "inundados" por informações provenientes de distintas fontes e de formas diversas, que estimulam nossos cinco sentidos, é natural que haja seletividade. Quer dizer, é desafiador dissociar a noção de atenção das novas dinâmicas laborais, dos progressos tecnológicos e da diversidade de estímulos visuais. Compreende-se, dessa maneira, que nossa capacidade de manter a atenção não é meramente determinada pela biologia ou por fenômenos imediatos, mas é mediada por nossas experiências dentro de um contexto cultural específico, o que acaba por moldar nossa maneira de direcionar a atenção para o mundo e para nós mesmos.

No âmbito psicológico e neurocientífico, a atenção representa um processo cognitivo fundamental que possibilita aos indivíduos processar informações relevantes e reagir de maneira adequada aos estímulos.

Desse modo, estabelecendo um paralelo entre a prática do storytelling e a retenção da atenção, estamos aludindo à habilidade de contar histórias de uma maneira envolvente, cativante e capaz de capturar e manter a atenção dos estudantes. A ideia é que, ao criar e narrar histórias, os storytellers ou contadores de histórias, procurem meios de prender a atenção do público, conduzindo-os a uma "jornada" emocional e cognitiva que os manteria envolvidos do início ao fim.

Contar uma história é uma das estratégias mais frequentemente utilizadas para converter uma oportunidade de comunicação em uma conexão significativa. A atenção, por sua vez, constitui a premissa básica de qualquer processo comunicacional. Ao utilizar o storytelling em sala de aula, busca-se alcançar um nível de engajamento que seja capaz de manter a atenção e potencializar cada vez mais os processos de aprendizagem.

A atenção dos estudantes voltada às informações e aos conteúdos tem se tornado cada vez mais escassa, sendo uma das queixas mais frequentes entre os professores. Diante desse cenário, argumenta-se que histórias bem contadas têm o poder de atrair a atenção de forma integral, uma vez que estimulam nosso repertório sensorial. Essa interligação entre atenção e sentidos encontra respaldo nas palavras do psicopedagogo e professor da Universidade Técnica de Lisboa, Vitor da Fonseca (2016, p. 369), ao explicar que "prestar atenção, estar motivado e envolvido [...] são funções do cérebro emocional humano". O cérebro, portanto, seria capaz de analisar a carga sensorial das informações e avaliar sua importância, direcionando a quantidade necessária de atenção.

Nesse contexto, surge a indagação: como captar a atenção de indivíduos tão conectados e simultaneamente dispersos? Podemos explorar uma tentativa de resposta através da aplicação do storytelling, ou seja, contando uma narrativa envolvente "que mantenha a atenção, emocione, estabeleça conexões profundas com o público e una todos os elementos em uma narrativa compreensível" (Xavier, 2005, p. 20).

Empatia

Carl Rogers, um dos preeminentes psicólogos da corrente humanista, destaca a relevância da empatia tanto no processo de psicoterapia quanto nas relações interpessoais. A empatia representa um dos elementos fundamentais da abordagem de Rogers, reconhecida como Terapia Centrada no Cliente ou Abordagem Centrada na Pessoa.

Rogers (1975) destacou a empatia como uma das três condições essenciais para facilitar o crescimento e o desenvolvimento pessoal em um ambiente terapêutico. Essas três condições conhecidas como "Tríade Rogeriana" incluem empatia, aceitação incondicional e congruência.

Aceitação incondicional refere-se à capacidade do terapeuta, e podemos estender essa noção aos professores, de aceitar o cliente (estudante),

independentemente de suas ações, pensamentos ou sentimentos, ou seja, com suas fraquezas e potencialidades. A aceitação é um dos elementos para criar um ambiente seguro, onde os sentimentos podem ser explorados sem medo de julgamentos. Já a congruência, também chamada de autenticidade, diz respeito à capacidade dos terapeutas e, nesse caso, dos professores, de agirem de maneira verdadeira e transparente em suas relações. Isso implica, em certo sentido, em manter congruência entre o que o terapeuta (professor) sente, expressa verbalmente e demonstra não verbalmente.

Empatia, de acordo com Rogers (1975), diz respeito a um tipo de compreensão por parte do terapeuta dos sentimentos apresentados pelo paciente, o que contribui para a promoção de um ambiente amistoso para a terapia ou aprendizagem. O autor entende a empatia como o ato de sentir o mundo do cliente (ou do estudante) como se fosse seu próprio mundo, o que implica experimentar os mesmos sentimentos que o cliente está vivenciando.

De forma ampliada, Rogers (1975, p. 73), diz que empatia significa

Penetrar no mundo perceptual do outro e sentir-se totalmente à vontade dentro dele. Isso requer sensibilidade constante para com as mudanças que se verificam nesta pessoa em relação aos significados que ela percebe, ao medo, à raiva, à ternura, à confusão ou ao que quer que ele/ela esteja vivenciando”. (...) Estar com o outro desta maneira significa deixar de lado, neste momento, nossos próprios pontos de vista e valores, para entrar no mundo do outro sem preconceitos; num certo sentido, significa pôr de lado nosso próprio eu.

As aprendizagens são aprimoradas quando os estudantes estão emocionalmente envolvidos. Nesse sentido, os professores podem promover esse tipo de envolvimento utilizando suas próprias experiências pessoais ou as dos alunos para orientar os objetivos, como no caso deste estudo, por meio das escolhas das histórias.

Boas histórias representam empreendimentos pessoais, emocionais e, ao mesmo tempo, sociais. Isso envolve a estimulação dos neurônios-espelho e a identificação com os personagens de uma história. Cabe ressaltar que os neurônios-espelho são um tipo de neurônio ativado tanto quando uma pessoa executa uma ação quanto quando observa outra pessoa realizando a mesma atividade. Esses neurônios desempenham um papel fundamental na empatia. A capacidade de "espelhar" ações de outras pessoas contribui para a imitação, aprendizagem e interações sociais, incluindo a aquisição da linguagem nos primeiros anos de vida.

Valença e Tostes (2019, p. 224) afirmam que o storytelling "proporciona a construção de empatia com outros contextos e valores". Na visão dos autores, a narrativa de histórias cria uma rede de aprendizagem que pode se conectar a experiências prévias de vida e a outros ambientes pelos quais o estudante já transitou. Assim, entre os benefícios do storytelling, Valença e Tostes (2009, p. 234) enumeram uma série de pontos.

Entre eles estão (i) o empoderamento do narrador e da audiência (desfazendo-se a relação verticalizada entre autoridade que ensina e espectador que recebe a informação), (ii) a possibilidade de destacar aspectos específicos para cada audiência e objetivo, (iii) os elementos dinâmicos à condução da aula e (iv) a contribuição que o storytelling oferece para sustentar conceitos abstratos e/ou complexos, aproximando-os da audiência e de sua realidade e contexto social.

O professor, ao assumir o papel de criador da narrativa, tem a oportunidade de envolver os estudantes, permitindo que eles auxiliem na construção e na resolução dos problemas apresentados. Essa abordagem fundamenta a concepção de um processo de ensino e aprendizagem horizontal. Dessa forma, cada tipo de narrativa criada com o objetivo específico possui características distintas, podendo proporcionar entretenimento, promover interações e construir diversas perspectivas

educacionais. Pode-se afirmar ainda que a prática do storytelling tem o potencial de tornar a sala de aula mais dinâmica, ao apoiar-se no processo de colaboração.

Histórias têm o potencial de fortalecer os vínculos entre professores e estudantes, aprimorar as interações em sala de aula, criar um senso de comunidade, melhorar as discussões e cultivar o respeito entre alunos e educadores. Oliveira (2020, p.27) destaca ainda que a prática do storytelling é capaz de promover a empatia, pois estimula "as relações interpessoais, visto que você se coloca no lugar do outro dentro de uma narrativa, compreendendo sua visão, seus desejos e valores". Para além da empatia, outros elementos são ativados, como a imaginação, a criatividade e a memória, elemento analisado na próxima seção.

Memória e aprendizagem

A palavra aprender deriva do latim *aprehendere* e significa agarrar, pegar, apoderar-se de algo. Partindo dessa concepção, podemos compreender o termo aprendizagem como um processo no qual o sujeito se “apropria de” ou toma para si certos conhecimentos, habilidades, atitudes, valores, crenças ou informações.

A aprendizagem implica na incorporação de algo novo ao conjunto de elementos que compõem a vida, relacionando-se, assim, com uma mudança ou transformação dos conhecimentos já adquiridos. As aprendizagens estão atreladas às diversas atividades cotidianas e iniciam nos primeiros anos de vida, quando aprendemos a sentar, levantar, engatinhar, andar, falar, correr, identificar e pegar objetos, entre outras habilidades. Além disso, a aprendizagem pode ser entendida como um processo de modificação nos comportamentos por meio da experiência, considerando fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais.

Existem vários conceitos de aprendizagem, e um clássico, apresentado por Ernest Hilgard (1966, p. 3), psicólogo americano, é citado até hoje.

Aprendizagem é o processo pelo qual uma atividade tem origem ou é modificada pela reação a uma situação encontrada, desde que as características da mudança de atividade não possam ser explicadas por tendências inatas de respostas, maturação ou estados temporários do organismo (por exemplo, fadiga, drogas etc.)

Da ideia de Hilgard (1996), algumas conclusões podem ser extraídas, a saber: toda aprendizagem implica em mudança, e embora seja um processo interno, manifesta-se de maneira observável através do comportamento; existem aprendizagens que geram comportamentos e processos totalmente novos no indivíduo; nos processos de aprendizagem, não são adquiridos apenas conhecimentos e habilidades, mas também conteúdos afetivos e atitudes.

Contudo, qual seria a relação entre memória e aprendizagem? A aprendizagem engloba a aquisição e o armazenamento de informações, sendo a memória o elemento ou instrumento pelo qual essas informações são retidas e recuperadas posteriormente. O processo de aprendizagem inicia-se com a aquisição de novas informações, as quais são recebidas e processadas pelos sentidos (visão, audição, tato etc.) e, em seguida, interpretadas e organizadas pelo cérebro. Durante a fase de consolidação, ocorre o fortalecimento das conexões neurais, contribuindo para a retenção a longo prazo das informações. No entanto, a eficácia da aprendizagem manifesta-se quando as informações armazenadas na memória podem ser recuperadas quando necessário. (Brown et al., 2018)

Conforme destacado por Brown et al. (2018, p.21), "aprendizagem é adquirir conhecimentos e habilidades, e a capacidade de disponibilizá-los na memória para detectar e enfrentar problemas e oportunidades futuros." Em resumo, a aprendizagem demanda a presença da memória, indicando que

para que os elementos, conteúdos e informações aprendidos permaneçam acessíveis quando necessários, a memória é fundamental.

Ao articular aprendizagem, memória e a prática do storytelling, observa-se que ao ler ou ouvir uma história, não apenas as partes do cérebro relacionadas à linguagem são ativadas, mas também as áreas envolvidas na experiência sensorial correspondente ao que está sendo narrado. Por esse motivo, somos capazes de lembrar tudo com o qual nos identificamos emocionalmente. Um exemplo notável é a probabilidade de lembrarmos onde e o que estávamos fazendo quando assistimos à notícia do atentado às Torres Gêmeas nos Estados Unidos, em 2001. Esse fenômeno ocorre porque as memórias têm uma dimensão emocional. Ao vivenciar “um sentimento impactante, registramos todo o contexto em que estávamos inseridos” (Palacios; Terenzzo, 2016, p. 183).

Acontecimentos com forte implicação emocional tendem a ser lembrados com mais exatidão do que eventos rotineiros. Isso ocorre porque a memória faz parte do sistema límbico, um conjunto de estruturas interconectadas que processam comportamento e emoções. Portanto, as histórias, ao envolverem emoções, proporcionam um entendimento intenso e inesquecível quando associadas a fatores emocionais (Mckee, 2006).

Ademais, segundo os neurocientistas italianos Giacomo Rizzolatti e Laila Craighero (2004), os sujeitos são facilmente capturados por emoções. No âmbito da neuropsicologia, atribuir intencionalidade e aspectos emotivos a personagens envolve o hipocampo e grande parte do córtex cerebral, indicando que histórias aumentam a conectividade cerebral.

O benefício mais imediato do uso de histórias na sala de aula decorre do fato de que, como discutido anteriormente, somos predispostos a lembrar de histórias em vez de fatos, conceitos e teorias. Ao utilizar histórias como ferramentas pedagógicas, estamos adaptando os métodos de ensino para alinhar-se com nossas predisposições cognitivas. Dessa forma, associar a prática do storytelling ao conteúdo que realmente desejamos que os estudantes aprendam pode facilitar o processo de aprendizagem.

Considerações Finais

Ao retomar as três abordagens teórico-metodológicas deste estudo, que consistiram em realizar uma revisão de literatura sobre o storytelling, analisar a aplicação do storytelling como prática pedagógica e explorar os benefícios do storytelling nos processos de aprendizagem, conclui-se que o seu uso com propósitos pedagógicos pode revelar-se uma abordagem interessante. Essa prática pode envolver os estudantes de maneira eficaz, tornando os conteúdos mais acessíveis, significativos e memoráveis.

A prática do storytelling, apesar de ter raízes milenares, assume uma nova configuração na atualidade, transcendendo o mero ato de contar histórias. O tratamento do storytelling como uma perspectiva pedagógica requer a elaboração cuidadosa de narrativas, visando promover a compreensão, reflexão e engajamento dos estudantes. Conforme evidenciado neste estudo, o storytelling ativa mecanismos e processos cognitivos relacionados à atenção e memória, atuando como uma "ponte" que conecta professores e estudantes. Essa prática possibilita que os alunos se identifiquem com as histórias com base em suas próprias experiências.

Além disso, o storytelling pode contribuir para a construção de um ambiente socialmente mais empático. Este estudo, conduzido de maneira experimental e exploratória, identificou alguns benefícios do storytelling como recurso e prática pedagógica, destacando que ele promove a empatia, estimula a memória e a criatividade, capacitando os estudantes a atribuir significado ao que estão aprendendo.

As narrativas, quando habilmente elaboradas, têm o poder de empoderar tanto o narrador (o professor) quanto a audiência (estudantes), desafiando as hierarquias tradicionais entre professor e aluno. Por meio dessa abordagem, os estudantes são encorajados a participar ativamente na construção e resolução de problemas, transformando a sala de aula em um ambiente dinâmico e colaborativo. Em última análise, o uso do storytelling

na educação representa uma ferramenta valiosa para aprimorar a experiência de aprendizagem.

As histórias têm desempenhado um papel fundamental em nossa história, remontando aos tempos arcaicos em que seres humanos primitivos registravam suas experiências usando pigmentos em rochas e paredes de cavernas. Como seres sociais, interpretamos nossas experiências por meio de narrativas, usando-as como um quadro de referência. Portanto, a aplicação intencional do storytelling pode proporcionar benefícios significativos, considerando que os seres humanos são, por natureza, "animais contadores de histórias" (Gottschall, 2012).

Referências

BROWN, Peter. C; ROEDIGER, Henry. L; McDANIEL, Mark.A. *Fixe o conhecimento: a ciência da aprendizagem bem-sucedida*. Tradução de Henrique de Oliveira Guerra. Porto Alegre : Penso, 2018.

COGO, Rodrigo. *Storytelling: As narrativas da memória na estratégia da comunicação*. São Paulo: Aberje, 2016.

FISKE, John; O'SULLIVAN, Tim; HARTLEY, John; SAUNDERS, Danny; MONTGOMERY, Martin. *Key Concepts in Communication and Cultural Studies*. New York: Routledge, 2006.

FONSECA, Vitor da. Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. *Revista Psicopedagogia*. São Paulo , v. 33, n. 102, p. 365-384, 2016.

GOTTSCHALL, Jonathan. *The Storytelling Animal: How Stories Make Us Human*. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2012.

HILGARD, Ernest R. *Teorias da aprendizagem*. São Paulo: Herder, 1966

MCKEE, Robert. *Story: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro*. Tradução de Chico Marés. Curitiba: Arte & Letra, 2006.

McSILL, James. *Cinco lições de storytelling: fatos, ficção e fantasia*. 1 ed. São Paulo: DVS Editora, 2013.

MYERS, David. *Psicologia* 9ª ed. São Paulo: LTC, 2012.

OLIVEIRA, Daniele de Souza. Lopes. Storytelling como estratégia de ensino no contexto da educação profissional e tecnológica. *Dissertação* (Mestrado em

Educação Profissional e Tecnológica). Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, Instituto Federal do Rio Grande do Sul, 2020.

PALACIOS, Fernando. *Storytelling em Sala de Aula*. Disponível em <http://www.storytellers.com.br/2012/08/storytelling-em-sala-de-aula.html>. Acesso: 23 jan. 2024.

PALACIOS, Fernando; TERENCEZZO, Martha. *O Guia Completo do Storytelling*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2006.

ROGERS, Carl. *Terapia centrada no paciente*. Tradução de M. Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1975.

RIZZOLATTI, Giacomo; CRAIGHERO, Laila. The Mirror-Neuron System. *Annual Review of Neuroscience*, 2004.169–92.

RUST, Frances. O'Connell. Professional Conversations: New Teachers Explore Teaching Through Conversation, Story, and Narrative. *Teaching and Teacher Education*. V.5, n. 4, maio 1999.

VALENÇA, M. M; TOSTES, A. P. B. O Storytelling como ferramenta de aprendizado ativo. *Carta Internacional*, Belo Horizonte, v.12, n.2, p. 221-243, 2019.

XAVIER, Adilson. *Storytelling: histórias que deixam marcas*. 1. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2015.

Recebido em janeiro de 2024.

Aprovado em abril de 2024.